

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO
EM PEDAGOGIA

LÍNGUA PORTUGUESA E EDUCAÇÃO I

4º semestre



Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad

Maria Paula Dallari Bucci

Carlos Eduardo Bielschowsky

Ministro do Estado da Educação
Secretária da Educação Superior
Secretário da Educação a Distância

Universidade Federal de Santa Maria

Reitor Clóvis Silva Lima

Vice-Reitor Felipe Martins Muller

Chefe de Gabinete do Reitor João Manoel Espina Rossés

Pró-Reitor de Administração André Luis Kieling Ries

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis José Francisco Silva Dias

Pró-Reitor de Extensão João Rodolfo Amaral Flores

Pró-Reitor de Graduação Jorge Luiz da Cunha

Pró-Reitor de Planejamento Charles Jacques Prade

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa Helio Leães Hey

Pró-Reitor de Recursos Humanos João Pillar Pacheco de Campos

Diretor do CPD Fernando Bordin da Rocha

Coordenação de Educação a Distância

Coordenadora de EaD Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso

Vice-Coordenadora de EaD Roseclea Duarte Medina

Coordenador de Pólos Roberto Cassol

Gestão Financeira José Orion Martins Ribeiro

Centro de Educação

Diretora do Centro de Educação Maria Alcione Munhóz

Coordenador do Curso de Pedagogia Andréa Forgiarini Cechin

Elaboração do Conteúdo

Professor pesquisador/conteudista Verli da Silveira Petri

Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação - ETIC

Coordenador da Equipe Multidisciplinar

Carlos Gustavo Matins Hoelzel
Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso
Rosiclei Aparecida Cavichioli Laudermann
Silvia Helena Lovato do Nascimento
Volnei Antônio Matté
Ronaldo Glufke
André Krusser Dalmazzo
Edgardo Gustavo Fernández

Desenvolvimento da Plataforma

Marcos Vinícius Bittencourt de Souza

Gestão Administrativa

Ligia Motta Reis

Gestão do Design

Diana Cervo Cassol

Designer

Evandro Bertol

ETIC - Bolsistas e Colaboradores

Orientação Pedagógica

Elias Bortolotto
Fabrício Viero de Araujo
Gilse A. Morgental Falkembach
Leila Maria Araújo Santos

Revisão de Português

Andrea Ad Reginatto
Maísa Augusta Borin
Marta Azzolin
Rejane Arce Vargas
Samarlene Pilon
Silvia Helena Lovato do Nascimento

Ilustração

Cauã Ferreira da Silva
Evandro Bertol
Júlia Rodrigues Fabrício
Mariana Rotilli dos Santos
Natália de Souza Brondani

Diagramação

Criscia Raddatz Bolzan
Gabriel Barbieri
Leonardo Moreira Fabrin
Luiza Kessler Gama
Naieni Ferraz
Victor Schmitt Raymundo

Suporte Técnico

Adílson Heck
Ândrei Componogara
Bruno Augusti Mozzaquatro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5

unidade 1

AS TEORIAS LINGÜÍSTICAS E DE APRENDIZAGEM: DA CONCEPÇÃO MECANICISTA À INTERACIONISTA 6

Introdução	6
Estudos psicolinguísticos	7
Psicolinguística = psicologia + linguística	7
Sobre o objeto da psicolinguística	7
O surgimento da psicolinguística	7
As fases da psicolinguística	8
Algumas contribuições da psicolinguística	10
A leitura da perspectiva interacionista	11

unidade 2

HABILIDADES BÁSICAS DE COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA 12

Pressupostos de entendimento da comunicação oral (falar – ouvir)	12
Compreensão do texto escrito (ler)	14
Habilidade de expressão escrita (escrever)	15

unidade 3

CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS METODOLOGIAS: LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ANÁLISE LINGÜÍSTICA 16

Leitura, produção textual e análise lingüística	16
Leitura, produção textual e análise lingüística	18
Revisão	19

BIBLIOGRAFIA BÁSICA 20

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR 20

APRESENTAÇÃO

A disciplina de Língua Portuguesa e Educação, como o nome já diz, deve privilegiar textos e atividades que contribuam com o aperfeiçoamento da comunicação em língua portuguesa, bem como deve aprofundar nossas reflexões acerca do processo de ensino e aprendizagem de língua. A premissa que rege essa disciplina é a de que o primeiro professor de português que a criança conhece na escola é o pedagogo, eis um dos motivos pelo qual a alfabetização e os primeiros anos de ensino de língua portuguesa são tão merecidamente tratados no Curso de Pedagogia. O aluno formado em Letras, o Professor de Português da escola, recebe o aluno já no quinto ou sexto ano da educação básica (ensino fundamental); e este aluno já tem conhecimentos linguísticos da oralidade e da escrita.

Na verdade, o desempenho lingüístico dos alunos depende muito de como foi desenvolvido o trabalho do pedagogo em séries iniciais. É o pedagogo que desperta o gosto, o hábito e o prazer pela leitura, tão importantes na vida escolar e social dos alunos em geral. Diante dessas justificativas é que apresentamos a disciplina, mostrando o quanto ela é importante e o quanto ela deve ser levada a sério por todos nós, precisamos ter consciência de nosso papel educativo e social na formação de cidadãos leitores, críticos, capazes de ler e refletir acerca dos temas cotidianos.

Desenvolver a comunicação em língua portuguesa implica a viabilização de discussões teóricas e metodológicas, o que contribui com a formação pessoal e profissional do grupo de professores em processo para o qual esta disciplina se destina.

Nossa expectativa é muito grande em torno das possibilidades de trocas de experiências, a partir das quais será possível o crescimento de todos e o início de grandes amizades. Estejamos todos de coração aberto para as novidades que este curso poderá nos trazer e para as alegrias que irá nos proporcionar.

Continue sua Leitura. Para saber mais consulte a Dinâmica do Curso.
Conforme arquivo em PowerPoint que deve ser linkado...

AVISO IMPORTANTE

Internet nos lembra "internetês", não é? É verdade, mas isso nem sempre é adequado. Veja por exemplo a nossa situação de comunicação: estamos num curso de Língua Portuguesa. Podemos usar o internetês? Às vezes, mas, nem sempre... Num chat, por exemplo, podemos utilizar o internetês livremente... Já nas atividades avaliativas da disciplina use SEMPRE a língua portuguesa padrão, aquela própria da modalidade escrita. Em situação de avaliação, evite gírias, abreviações, variações próprias à língua falada.

OBS.: Será aberto um FÓRUM DE DÚVIDAS na primeira semana, ele permanecerá aberto e poderá ser acessado durante todo desenvolvimento da disciplina.

unidade 1

AS TEORIAS LINGÜÍSTICAS E DE APRENDIZAGEM: DA CONCEPÇÃO MECANICISTA À INTERACIONISTA

INTRODUÇÃO

Ler é um processo complexo que tem início muito antes de chegarmos à escola e que não termina nunca, pois vamos aperfeiçoando nossas leituras no decorrer da vida. Nunca estaremos prontos e sempre poderemos melhorar. É por isso que precisamos trabalhar com a leitura: a leitura de mundo, a leitura de livros, a leitura virtual, etc.. Sempre na expectativa de aprender um pouco mais, de ser um leitor mais atento, mais maduro, mais seguro.

Cabe ao pedagogo, na maioria das vezes, a tarefa de ensinar a ler na escola. Depende dele então a sistematização de um saber que vem de casa, de crianças que chegam à escola com leituras de mundo muito ricas e que não podem ser ignoradas. Cabe, então, a este professor que recebe as crianças em tenra idade dar início ao processo de aperfeiçoamento da leitura, pois é nesse momento que a escrita passa, definitivamente, a fazer parte da história de cada um. Ler, a partir deste momento, passa a ser um desafio contínuo, já que é preciso ler, descrever, interpretar, compreender e escrever para que outros possam ler.

O nosso papel de professor, é o de orientar leituras, incentivar este gesto tão simples que pode fazer tanta diferença. Para formarmos bons leitores temos que dar o exemplo, temos que fazer da nossa vida um lugar privilegiado de leitura.

Primeira semana

ESTUDOS PSICOLINGÜÍSTICOS

Contextualização histórica e teórica da Psicolinguística:

Até o século XIX o mundo conhecia os trabalhos da Lingüística Geral (Diacrônica).

Início do século XX: Saussure funda a Lingüística Moderna.

Meados do século XX: surge o trabalho de Noam Chomsky (precursor da Psicolingüística).

PSICOLINGÜÍSTICA = PSICOLOGIA + LINGÜÍSTICA

A preocupação que existe em comum nestas duas áreas do saber é o processo de produção e recepção da linguagem.

Obs.: A Psicolingüística mantém relações de interdependência, ainda, com a Filosofia, a Biologia e a Computação (sendo que já há experiências envolvendo a Estatística).

SOBRE O OBJETO DA PSICOLINGÜÍSTICA

O objeto da Lingüística difere do objeto da Psicolingüística: a primeira se interessa pela língua, enquanto sistema de signos, abstrato e social; enquanto a segunda tem interesse em compreender como se dá o processo de comunicação lingüística.

O SURGIMENTO DA PSICOLINGÜÍSTICA

A Psicolingüística surge em meados dos anos 50, nos EUA. Só foi possível nessa época porque antes a Psicologia não demonstrava interesse pela mente (em suas relações com a linguagem) e a Lingüística não se dedicava ao estudo do significado, mas do signifiante (Baker e Mos, 1983).

A II Guerra Mundial foi o acontecimento histórico que promoveu a união definitiva dessas duas áreas do conhecimento, pois o impacto da guerra acarretou a necessidade de desenvolvimento do conhecimento sobre sistemas de comunicação. Nessa primeira fase, os psicólogos se destacaram pela boa receptividade que tiveram das contribuições fornecidas pela Lingüística.

A Psicolingüística deve um grande tributo a Piaget e a Vygotsky, sempre referenciados pela importante contribuição que deixaram, suscitando questionamentos até hoje.

AS FASES DA PSICOLINGÜÍSTICA

1ª fase: Skinner (anos 50)

A Psicolingüística vai se interessar pela teoria de Skinner no que diz respeito ao desenvolvimento dos princípios do condicionamento instrumental e operante, geradores da teoria da aprendizagem que tentava explicar o comportamento humano. Mas depois a Psicolingüística começa a perceber que a proposta de Skinner nega a especificidade da linguagem verbal, como distinta de outros comportamentos, bem como não aceita uma diferença qualitativa entre estes mesmos comportamentos e o comportamento animal. Torna-se insustentável também, para a Psicolingüística, o trabalho com noções como a inacessibilidade da caixa-preta (os processos cognitivos centrais) e a de tábula rasa (a criança nasce sem nenhum conhecimento: tudo depende da aprendizagem). Na verdade, o maior problema com a teoria de Skinner, sob o ponto de vista da Psicolingüística, é que ele trabalhava de forma muito linear, levando em consideração apenas o observável.

No Brasil, uma das pioneiras da Psicolingüística, Geraldina Witter, era defensora de Skinner e muito aplicou seu modelo para alfabetização e leitura.

2ª fase: Chomsky (físico e matemático, nunca foi psicolingüista)

O trabalho de Chomsky configurou-se como uma crítica ao trabalho de Skinner, sobretudo no tocante a duas questões: como a criança modifica rapidamente suas emissões iniciais indo em direção à gramática adulta? E como os falantes-ouvintes nativos são capazes de entender e de produzir enunciados para eles inteiramente novos? Assim, Chomsky leva o mérito de aprofundar mais as questões da aquisição da linguagem pela criança, sendo que os pontos centrais de sua teoria são:

- a preocupação com a estrutura sintática da língua (deixando de lado a questão semântica);
- é o criador da teoria do inatismo da linguagem humana, enquanto estrutura naturalmente constituída;
- a base de sua teoria é um sujeito falante-ouvinte ideal;
- distinguiu competência e desempenho, ocupando-se da primeira (deixando a segunda para os psicolingüistas, sociolingüistas, etc.);
- deu ao sujeito uma certa autonomia (vigiada), admitindo a capacidade de criar, pois desenvolveu a tese de que o sujeito que domina um número finito de regras (gramaticais) é capaz de produzir um número infinito de frases novas.

3ª fase: a autonomia da Psicolingüística

Observamos que na 1ª fase a Psicolingüística esteve muito presa à Psicologia e que na 2ª fase ela esteve muito ligada à Lingüística. Isso gerou uma crise interna que promoveu um crescimento e um amadurecimento interno a essa jovem ciência: garantindo a ela um estatuto mais autônomo em relação às ciências no seio das quais se gerou.

Com essa evolução, a Psicolingüística passa a se ocupar, de fato, da explicação e da compreensão de como o conhecimento lingüístico é representado na mente e como as pessoas conseguem usar este conhecimento, considerando que ele não poderá se restringir ao processamento do sinal acústico da fala, das unidades dotadas de significação e das estruturas sintáticas. Embora esse conhecimento seja indispensável à comunicação, existem outros elementos exteriores que precisam ser levados em consideração.

Segunda semana

ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLINGÜÍSTICA

- Trabalha com o objetivo de diminuir o insucesso escolar, buscando embasar o pessoal envolvido na pré-escola e, principalmente, nas primeiras séries, onde o processo todo se inicia, do que vem a ser a leitura e a escrita, como processo;
- Luta contra a ausência de consciência de que o princípio da decodificação deve ser, primordialmente, a chegada ao significado; considerando que isso ainda está muito ausente na elaboração das cartilhas e nas condutas de sala de aula;
- Quer que se efetue uma crítica permanente ao material pedagógico, aos currículos, e, se possível, quer participar da elaboração destes;
- Sugere a criação e o funcionamento ativo de laboratórios de leitura em todos os níveis de ensino, o que deverá gerar o hábito da leitura.

ATIVIDADE:

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as atividades referentes aos assuntos vistos até aqui.

Terceira semana

A LEITURA DA PERSPECTIVA INTERACIONISTA

Importa destacar aqui a relevância dos trabalhos da Psicolinguística para os avanços na área dos estudos da leitura, mas não podemos deixar de perceber que muita coisa mudou nas últimas décadas e que os modelos de leitura foram se aperfeiçoando. Dentre as noções de leitura que conhecemos, a leitura da perspectiva interacionista ganha força em nosso meio, pois ela prevê as relações entre os interlocutores como constitutivas do sentido, podendo confirmar uma direção argumentativa ou negá-la. Isso depende da interação entre os sujeitos envolvidos na situação de comunicação.

SAIBA MAIS

<http://www.primeiraversao.unir.br/artigo36.html>

<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno12-13.html>

O artigo

VOZES BAKHTINIANAS: BREVE DIÁLOGO,
de MARIA CELESTE SAID MARQUES

<http://www.primeiraversao.unir.br/numero036Celeste.pdf>

nos apresenta essa teoria de modo claro e conciso, destacando o papel de Mikhail Bakhtin, filósofo russo, que funda a perspectiva interacionista nos estudos da linguagem.

ATIVIDADE:

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as atividades referentes aos assuntos vistos até aqui.

unidade 2

HABILIDADES BÁSICAS DE COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA

Terceira semana

PRESSUPOSTOS DE ENTENDIMENTO DA COMUNICAÇÃO ORAL (FALAR – OUVIR)

A comunicação oral é a primeira forma que a criança domina da sua língua materna. Em nosso caso, portanto, o ensino da língua portuguesa na escola já é um outro estágio da aprendizagem. É preciso levar em conta que o aluno, ao chegar à escola não é uma folha em branco na qual a professora vai escrever uma linda história institucional. A criança já chega na escola com uma história, já se comunica, já fala e compreende muitas coisas, ela já é capaz de atribuir sentidos às palavras, aos gestos, às expressões faciais, às imagens que são recorrentes em sua vida antes da escola.

Nesse sentido, precisamos aperfeiçoar a comunicação oral, a nossa — enquanto professores — que sempre pode ser melhorada; e a dos nossos alunos — enquanto sujeitos em formação — que buscam na escola o aprimoramento das suas competências.

Quem primeiro falou em competência foi Chomsky, ele separava competência e performance: a primeira diz respeito à faculdade intelectual, o que é cognitivamente desenvolvido; já a segunda seria da ordem da prática linguajeira, a língua em uso mesmo. Hoje, trabalhamos com as diferentes competências e o seu conseqüente desempenho lingüístico, sem uma separação tão radical. As principais competências que desenvolvemos em crianças em fase escolar de aprendizagem de línguas são quatro: falar, ouvir, ler e escrever. São estas competências que levarão o aluno a desempenhar bem o componente comunicacional, alcançando novos degraus no estatuto lingüístico, cultural, social e econômico, no interior da sociedade.

Precisamos, então, pensar bem as duas situações: 1) a criança não é tabula rasa, ela tem uma história, conhece e usa sua língua materna; 2) a criança vem para a escola para sistematizar saberes que ela já tem, aperfeiçoar-se e aprender mais e mais. O que queremos dizer é que devemos levar em conta a realidade social, lingüístico-comunicacional do aluno, mas não podemos ficar nisso, precisamos encaminhá-lo por novas trilhas, levando-o a saber cada vez mais. Assim, estaremos trabalhando competências e o desempenho.

Um outro aspecto também relevante é o desenvolvimento do comportamento social em sala de aula de língua. Na verdade, temos um espaço privilegiado para o desenvolvimento das noções de **respeito**: quando um fala, os outros devem ouvir; dê **oportunidade**: cada um deve esperar sua vez de falar; dê **limite**: o espaço de um

termina exatamente onde começa o do outro; **democracia**: todos têm o direito de manifestarem-se e de serem ouvidos, etc.. É nesse espaço de aula de língua portuguesa, no qual se realizam os movimentos de negociação, que emergem as relações entre a voz e o silêncio, entre o saber falar e o saber ouvir, quando é possível depreender que a língua serve para comunicar e para não comunicar.

De fato, ao trabalharmos com as possibilidades de desenvolvimento da língua oral, estamos trabalhando com a formação integral do educando, eis o papel imprescindível do pedagogo nas séries iniciais, eis o papel do professor de língua portuguesa nas séries seguintes. Não se trata de um processo de ensino de conteúdos enumerados num programa, trata-se de cidadãos em formação, de crianças curiosas, falantes, ávidas pelo saber, saber mais e melhor usar sua língua.

ATIVIDADE:

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as atividades referentes aos assuntos vistos até aqui.

Quarta semana

COMPREENSÃO DO TEXTO ESCRITO (LER)

Já tratamos da comunicação oral e agora passamos a falar mais especificamente de uma das competências da comunicação que é a de compreender um texto escrito. É fato que falar e escrever são atividades bem diferentes, assim como ler e ouvir é bastante diferente. Parece-nos que a era da escrita nos conduziu a um nível de concentração intelectual antes nunca visto, pois, tanto para ler quanto para escrever com qualidade, precisamos de muita concentração.

Diz a máxima popular que palavras ditas vão com o vento, mas as escritas permanecem. Assim o texto ouvido e o texto lido têm diferenças. Quando estamos ouvindo alguém falar podemos, geralmente, interrompê-lo, pedindo que explique melhor, pedindo que repita ou ainda que diga de outra forma até compreendermos, mas quando se trata de texto escrito, não temos o mesmo nível de interação com o outro.

A leitura e a compreensão de um texto escrito nos exige muito mais, bem como exigirá mais de nossos alunos que estão aprendendo esta modalidade da sua língua materna, a modalidade escrita. O texto escrito nos exige um saber anterior, algo que nos forneça as informações pressupostas pelo autor que escreveu o texto, precisamos de referências para construirmos o processo interativo e conseguirmos atribuir sentidos ao que está sendo lido.

E quando somos nós os escritores? Como isso funciona? Ah, devemos prever nosso provável leitor e tentar ser "gentil" com ele, apresentando o melhor percurso para a leitura e a compreensão do que queremos de fato passar para nossos interlocutores. Tanto a leitura quanto a escrita são processos complexos, estão sempre sendo aperfeiçoados. Isso deve ser repassado aos nossos alunos, pois só assim tornar-se-ão leitores críticos capazes de uma verdadeira compreensão.

ATIVIDADE:

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as atividades referentes aos assuntos vistos até aqui.

Quinta semana

HABILIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA (ESCREVER)

Escrever é uma arte, muitos já disseram isso, mas entendo que escrever é expor características íntimas do sujeito que está produzindo seu texto. É pela escrita que refletimos sobre o tema abordado, é também por ela que explicitamos nossas crenças, nossos preconceitos, nossas expectativas, etc. Por isso, talvez, escrever não seja algo tão simples e não dependa tão somente do nosso conhecimento sistemático do código e da gramática de uma língua. Escrever é muito mais, é ir fundo em nossas próprias questões, é parar por um instante e se perguntar: o que é mesmo que eu quero dizer? O que posso ou devo dizer? Afinal, para quê e para quem escrevo?

Isso, no universo da criança, é bastante representativo. Ela não se pergunta como nós, mas ela simboliza como ou ainda melhor do que nós, pois ainda tem a liberdade que as lutas ideológicas vão nos roubando através dos tempos. Vamos pensar na escrita como algo extremamente importante, mas vamos observar nela também o processo de constituição do sujeito que materializa sua língua materna, que externaliza seus medos, suas culpas, suas resistências, seus desejos, etc. Vamos trabalhar no aperfeiçoamento do uso da língua, mas vamos pensar na formação do cidadão que lê, que escreve e que, sobretudo, precisa pensar e opinar.

ATIVIDADE:

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as atividades referentes aos assuntos vistos até aqui.

unidade 3

CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS METODOLOGIAS: LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Sexta semana

LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ANÁLISE LINGÜÍSTICA

O ensino de língua portuguesa, em termos bem gerais, deve abranger especialmente a leitura e a produção textual. Os elementos de gramática e de análise lingüística, propriamente ditos, devem aparecer vinculados aos textos trabalhados. Isso ganha ainda maior força quando se trata dos primeiros anos do ensino fundamental, pois são os primeiros contatos com a escola, com a escrita e com todas as implicações que elas trazem para a vida da criança.

É imprescindível trabalhar a leitura e a escrita como os dois lados da mesma moeda, elas são indissociáveis, uma colabora com o aperfeiçoamento da outra.

Sobre língua e linguagem: algumas reflexões

A linguagem é comum a todos os homens. Não há diferenças de natureza entre as línguas. Há apenas diferenças culturais. Não há línguas "simples" e línguas "complexas". Todas são igualmente simples e complexas. Há já muito tempo que se fez justiça à teoria dos "estádios", que hierarquizava as línguas, do estágio primitivo ao desenvolvimento, em função do grau de civilização dos seus locutores.

Todas as línguas têm em comum certas propriedades e características "universais", que definem, precisamente, a **linguagem**. Pois o que se visa, através da extraordinária variedade de línguas existentes, é a **unidade da linguagem humana, aquilo que a específica, em relação aos códigos de comunicação não humanos**. Aliás, a procura de uma língua original única, o mito da torre de Babel, responsável pela diversidade linguística, a nostalgia do paraíso perdido da língua única, ligam-se, num plano mítico, à **procura que hoje se faz dos universais de linguagem, das operações mentais que sustentam o funcionamento de todas as línguas**.

Todas as línguas possuem uma dupla articulação, em unidades de sentido [palavras ou morfemas] e unidades fônicas [vogais e consoantes]. Todas elas constituem sistemas cujas unidades se definem em relação ao conjunto do sistema organizado pela sua estrutura. O som mantém com o sentido uma relação a que se cha-

ma **arbitrária** [isto é, convencional]. Todas as línguas comportam a **redundância** [que é um excesso de meios em relação à informação transmitida], a ambiguidade, dissemetrias, irregularidades, **todas elas têm a possibilidade de, a partir de um número de signos, teoricamente finito, produzir enunciados em número infinito**. Todas elas têm um **carácter evolutivo perpétuo**, cuja suspensão significa a sua morte; todas elas **autorizam a invenção, a criatividade, as deslocções de sentido, as figuras de estilo, o jogo**. Todas elas estão estruturadas a três níveis: o do **som**, o do **arranjo gramatical**, o do **sentido**. Há, finalmente dois aspectos que parecem ser óbvios: a **mensagem linguística é linear** [o que permite distingui-la, por exemplo, da mensagem musical, que autoriza a sobreposição de notas; o canto em cânone trata a voz como se fosse um instrumento]; **as unidades linguísticas são discretas, ou seja, isoláveis umas das outras** [o que, na escrita, é materializado pelo branco]: se o espectro de cores constitui um contínuo cujas fronteiras são arbitrariamente traçadas pela língua, a cadeia falada constitui, pelo contrário, uma sequência de unidades distintas.

Maria Yaguello in Alice no País da Linguagem, Editorial Estampa
<http://ponto-kom.blogspot.com/search/label/%5BYAGUELLO%5D>

Sétima semana

LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Nesta semana, dedique-se à leitura do Artigo:

MONSTRO À SOLTA OU... "ANÁLISE LINGÜÍSTICA" NA ESCOLA:
APROPRIAÇÕES DE PROFESSORAS DAS SÉRIES INICIAIS ANTE AS
NOVAS PRESCRIÇÕES PARA O ENSINO DE "GRAMÁTICA"

Link: <http://www.anped.org.br/reunioes/25/arturgomesmoraist10.rtf>

ATIVIDADE:

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as atividades referentes aos assuntos vistos até aqui.

Oitava semana

REVISÃO

Revisão para a avaliação final:

Não esqueça os pontos que deverão ser revisados:

- a) Estudos psicolinguísticos.
- b) A leitura da perspectiva interacionista.
- c) Pressupostos de entendimento da comunicação oral (falar – ouvir).
- d) Compreensão do texto escrito (ler).
- e) Habilidade de expressão escrita (escrever).
- f) Leitura, Produção textual e Análise linguística.

Revisando e fixando pontos importantes:

Retome todos os textos e atividades propostas, leia tudo outra vez. Prepare-se para a última parte da avaliação, **este é o momento de demonstrar o quanto você aprendeu. Boa Sorte!!!**

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitee, 1986.

BECHARA, E. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** São Paulo : Ática, 1985.

BORDINI, M. da G. & AGUIAR, V. T. de. **Literatura: A Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

GERALDI, J. W. **O Texto na Sala de Aula**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAGLIARI, G.M. CAGLIARI, L. C. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

FERREIRA, L.S. **Produção de leitura na escola: a interpretação do texto literário nas séries iniciais**. Ijuí: Unijuí, 2001.

KAUFFMAN, A.M.; RODRIGUES, M.E. **Escola, leitura e produção de texto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MORAIS, A.G. de. **O aprendizado da ortografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PEREIRA, V.W. (org). **Aprendizado da leitura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002 .

